

---

# ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARGARIDA PINA. REALIZADA EM LISBOA- PORTUGAL, ASSOCIAÇÃO CABOVERDIANA DE LISBOA, OUTUBRO DE 2003.

*Por: Eugénia da Luz Silva Foster<sup>1</sup>*

## PREÂMBULO

Professora Margarida Pina foi a única professora negra (natural da Guiné Bissau) que encontrei em minhas andanças como pesquisadora sobre a questão racial e intercultural na educação, em Lisboa. A pesquisa foi iniciada no Brasil e depois estendida a Portugal como parte de uma bolsa sanduíche financiada pelo CNPq. O local escolhido para a investigação foi o bairro da Damaia que fica no Concelho da Amadora e o universo foram as escolas localizadas nesse bairro. A razão da escolha desse universo deve-se ao fato de, nessa localidade, residirem muitos africanos oriundos de várias partes da África lusófona, mais particularmente de Cabo Verde e Guiné Bissau.

A decisão de entrevistar a professora Margarida deve-se a um dado interessante: a professora foi citada por todos/as professores/as portuguesas que entrevistei nas escolas da Damaia. Ela se configura como um elemento-chave na compreensão das dificuldades de romper com um projeto hegemônico de educação em Portugal (uma educação monocultural para um país multicultural, embora extremamente desigual) explicitando as tensões presentes entre a busca pela efetivação de outro projeto de educação mais plural e as práticas excludentes e racistas que vão se metamorfoseando nos espaços educativos e nos afetos dos sujeitos que pensam e fazem a educação nesse país.

---

*<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal do Amapá e Coordenadora do Grupo de Estudos sobre Educação, Relações Étnico-Raciais e Interculturais – GEER. Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense.*

---

Como se pode depreender da fala das professoras entrevistadas na tese<sup>2</sup>, o Projeto de Educação Intercultural teve algum sucesso, anunciou possibilidades, mas por conta da descontinuidade nas decisões governamentais e as mudanças políticas, o mesmo acabou não avançando. Porém, não obstante o projeto e suas descontinuidades, as dificuldades encontradas, as barreiras interpostas e as interdições à professora Margarida, a questão racial é um tema que vem ganhando espaço nos debates sobre educação e sobre os rumos da política imigrantista de Portugal.

Esta entrevista foi realizada em outubro de 2003 e retomada, hoje, a pedido da organizadora/editora deste número da TEIAS, pois reflete, em país diferente do Brasil, questões educacionais relativas a contatos que povos têm entre si.

Ela foi organizada em algumas categorias, a fim de tornar mais clara a expressão do pensamento da entrevistada.

Vamos, então, à conversa com a professora Margarida.

**Eugenia:** Professora Margarida, fale um pouco de sua história como professora negra em Portugal, o trabalho que você vem realizando nas escolas da Damaia, como começou, o que te motivou...

## INTERVINDO

Professora Margarida: Desde que trabalho como professora, aqui em Portugal que venho tendo alguma preocupação com a aprendizagem das crianças imigrantes ou filhas de imigrantes africanos e certo distanciamento entre a escola e a cultura dos pais delas, sua realidade de exclusão e muita privação nos bairros de lata ... Elas são tidas como crianças que não aprendem, que dão trabalho, que são rebeldes, e que não se ajustam ao modelo português de ensino, às regras...enfim... a situação, desde que a conheci, é muito difícil e hoje continua sendo. Imagina como era há uns anos atrás. Comecei, então, a fazer atividades culturais com as crianças como um caminho metodológico para a aprendizagem, para a integração e valorização cultural e étnica. Porque... é assim: as crianças com quem tenho trabalhado ao longo desses anos em que estou em Portugal, ou são crianças africanas – aquelas que vieram diretamente da África, Cabo Verde, Guiné, Angola, Moçambique... para Portugal, juntamente com os pais, ou são crianças filhas de africanos que já nasceram aqui, em Portugal, mas cujas famílias vivem como se estivessem na África. Comecei a perceber que elas costumavam levar

---

<sup>2</sup> Cf. FOSTER, Eugenia. *Racismo e Movimentos Instituintes na Escola. Tese de Doutorado orientada pela Profa. Célia Frazão Linhares. Niterói – RJ: UFF, 2004.*

---

para a escola as novidades que os pais contavam, mas raramente eram escutadas. E essas novidades podiam ser histórias africanas, aspectos diversos da cultura... da tradição africana em si.

Todavia, se na minha sala era difícil, nas salas das professoras portuguesas era uma espécie de diálogo de surdos. Então, eu aí comecei a pegar essas histórias, episódios do cotidiano mesmo das famílias, enfim, o que elas traziam a cada dia, transformava em temas e conversava com eles nesse espaço que eu tinha de... um espaço que era de... **quinze minutos** para as crianças contarem **tu-do** (ênfase dada pela entrevistada) o que tinham trazido para a escola (**mostrando incredulidade**). Sabes, as crianças, em particular as africanas, elas gostam de cantar, dançar... contar histórias que os pais contam...(pausa)... levam tudo para a escola. E então, eu passei a dramatizar, dançar... Mas isso é durante as aulas, né? Durante as aulas abria esse espaço, quinze minutos disponíveis, para ouvir as crianças, para poderem se comunicar, contar tudo.

Portanto, a partir daí, com os resultados comecei a ver, a sentir uma certa necessidade de ouvir mais essas crianças e tentar fazer algo ainda mais. Então eu comecei a fazer atividades... culturais nas festas, comecei a ensaiar as crianças a música tradicional africana que eu gosto e elas gostam muito e as outras crianças também...as músicas tradicionais de seus países. Para não fazer só dança africana... músicas africanas, eu então fazia na globalidade (africana, portuguesa, brasileira...) era multicultural. Esse trabalho acabou estendendo-se para outras escolas de outros bairros de Lisboa e até hoje acabou ganhando certa repercussão nacional e até internacional. Fui convidada para realizar um trabalho semelhante em escolas de comunidades africanas na América. Mas em Portugal não tem sido nada fácil dar continuidade a esse trabalho. Há sempre algo para interromper...uma burocracia, sempre há um obstáculo...

## **BARREIRAS**

Depois de passados alguns aninhos, depois de sete anos como contratada como temporária...fui fazer um trabalho em Cabo Verde com crianças e jovens e depois que cheguei cá deparei-me com a notícia de que não podia candidatar-me mais para dar aulas porque... **não tinha nacionalidade portuguesa**. Fiquei durante certo tempo sem lecionar, mas... depois de tanto tempo de serviço que eu já tinha era estranho que eles inventassem mais essa. Então, recorri às entidades de imigrantes, por exemplo Associação Caboverdiana, o ONG que tinha um projeto também ligado com a comunidade imigrante, e aí conseguiram fazer com que eu voltasse para a escola com o argumento de que "...a professora Margarida é uma professora que tem passado sempre em zonas consideradas difíceis da comunidade imigrante de africanos em Portugal e, portanto, ela é uma professora muito valiosa para nossos alunos nessas comunidades e não pode ficar fora da

---

escola”. Mas como eu era contratada... alguns diretores diziam que não podiam fazer nada. Não podiam fazer nada porque a lei não permitia que eu continuasse na escola. Não havia nem... aqueles Projetos de Territórios Educativos, de **Escolas Intervenção Prioritária**, como hoje em dia há..

**Eugenia:** Fale mais um pouco desses Projetos de Intervenção Prioritária. O que são? Como funcionam?

**Prof. Margarida:** Escolas de intervenção prioritária são as escolas que ficam situadas nos bairros difíceis...Escolas que... atendem as crianças, os meninos dos bairros... dos bairros africanos que são sempre bairros problemáticos. São escolas que na teoria se organizam para atender de uma outra maneira essas crianças. Ou com tempo integral, currículos adaptados, com algum outro tipo de assessoria, projeto...

Então...Perante a pressão dos movimentos sociais exigindo meu retorno à escola, o que é que o Ministério fez: foi fazer investigação nas escolas por onde passei, onde eu tinha trabalhado para ver se de facto eu tinha passado naquela escola e... **qual era de facto o meu trabalho**. Veja bem a preocupação com o que de facto eu fazia nas escolas. A meu ver eles viam e ainda vêem meu trabalho com grande preocupação. Afinal, eu lido com comunidades ditas difíceis, excluídas, muitos jovens sem perspectiva, discriminados socialmente, culturalmente, racialmente e tento trabalhar com elas o auto-respeito, a valorização da cultura, das tradições de seus pais, seus antepassados...refletir com elas sobre sua vida em Portugal, sobre a discriminação...Claro que eu era vista com desconfiança.

Depois disso, ainda houve mais confusão, colocaram outras dificuldades para eu voltar a lecionar, uma burocracia...período muito difícil: eles passaram a alegar que meu **diploma não era português**, mas não foi certo, não era verdade. Eu tinha tirado o curso aqui mesmo, em Torres Novas, numa escola que é ligada à Escola José.... acho que agora é Escola Superior de Educação. De novo tive que recorrer à Associação de Imigrantes Africanos. E daí... eu tinha um grande amigo que trabalhava nesse projeto do imigrante que é o Arnaldo Andrade, conseguiu lá falar com o Secretário de Estado e depois de algum tempo nessa confusão eles viram que aquilo estava meio quente, eu estava para ir mesmo à comunicação social fazer a denúncia, então eles resolveram a situação. Disseram então, que era para eu ir para escola e que a cessação de minha licença para lecionar devia-se ao fato de a Guiné-Bissau não ter protocolo com Portugal.. e outras alegações, mas não era isso porque a lei dizia que bastava a pessoa ter a formação cá que era permitido lecionar.

---

Então muito revoltada (enfática) fui para uma outra escola localizada na zona da Amadora. Cheguei a Amadora, fiquei três meses numa escola que é antiga **Escola Numero Um da Falagueira** na Damaia, depois... segui-me para a **Escola Número Três da Falagueira** que é atual Escola Santos de Matos e depois mais outra. Essa escola, a número três, tinha 95% de crianças africanas. Nas outras também a maioria era de crianças africanas e o resto era meia dúzia de crianças brancas. Mas os professores todos portugueses, excepto eu que a essa altura peregrinava por escolas até me adaptar a uma.

### INTERVENÇÃO/UM NOVO COMEÇO

Assim, recomecei o trabalho a partir do momento que percebi a mesma dificuldade das crianças, da escola. A preocupação quanto ao nível de aprendizagem dessas crianças voltou e mais forte. Comecei a sentir essa preocupação ao nível de aprendizagem, porque... o currículo das escolas os conteúdos trabalhados nos manuais não... tinha nada a ver com a outra cultura dos meninos, as escolas ficam perdidas, sem rumo. Havia até um certo diretor que me falava brincando: “esta aqui foi a nossa “Totoloto” que nos caiu outra vez na nossa escola, a gente não deixa sair daqui.”

E, entretanto terminou o contrato, lá fui eu outra vez para uma... escola... daí fui para a **Escola da Damaia 2** onde estou até hoje. Cheguei lá encontrei novamente **65%** de crianças africanas. Nessa altura tinha **65%**. Lá se vão nove anos que estou nessa escola. Também deparei-me com os mesmos problemas que encontrei na outra escola. Programas totalmente distantes da realidade cultural dos alunos. E entretanto, no Conselho escolar... reunião do conselho escolar, vou ouvindo as colegas, os relatos das dificuldades...

Fico olhando as situações e falo para mim mesma: **Meu Deus, aqui, ou a professora Margarida que sou eu socorre os meninos ou não há ninguém que faça nada.** Então voltei a trabalhar dentro do programa escolar.... a... contar histórias africanas aos meninos, e...a fazer...dentro dessas histórias a fazer tipo de ...fichas de leitura para esses meninos. Depois... nas festas que as minhas colegas organizavam, puseram-me logo como a coordenadora do projeto de festas da escola. Festa de Natal, do dia Mundial da Criança, dia da África, Carnaval e festas do final do ano letivo. A partir daí comecei a movimentar e escola toda... todos começaram a aderir. Foram falar com o diretor o que é que se pode fazer com Margarida porque Margarida é muito importante nesta escola. **Mas querem que sozinha resolva os problemas criados por toda uma inadequação curricular, posturas discriminatórias...a escola portuguesa promove ainda uma escola da portugueses para africanos como na época colonial. Dizem que há mudanças, promovem cursos de atualização para professores, lançam projetos disso, daquilo dentro dessa questão de educação intercultural etc, mas não vejo na prática nada disso.** Acho que precisa mudar a mentalidade, os corações dos portugueses

---

quanto à África, à cultura africana e não achar que pode ficar falando de África só no Dia da África, por exemplo.

Também vejo como extremamente necessário dar o oportunidade a outros professores de origem africana para integrarem o corpo de professores dessas escolas. Há pouquíssimas professoras negras na escola portuguesa. Acho que há muito poucos professores africanos na nesta terra. Portugal não aceita professores formados lá. Não sei por que, mas o diploma não é válido aqui. Então não há espaço aqui para professores africanos formados lá. Ao chegar você tem que fazer outro curso aqui porque acho que partem do princípio de que o curso de lá é fraco, ou não vale... Só sei que se somos professores, o somos em qualquer lugar. Outras pessoas negras não optam pelo magistério... acho que talvez o problema seja maior. **Há barreiras para as pessoas negras para se formarem. Começa desde a escola. Vai se encontrando barreiras e depois acaba-se abandonando. Então ate chegar no nível para o magistério são pouquíssimos. Poucos são os africanos que conseguem terminar o décimo segundo ano. Ai, como vão se tornar professores? Vai ficando um círculo vicioso. Os alunos não se formam porque abandonam cedo a escola, por várias razões. Não há professores negros porque não tiveram oportunidade de se formar...**A não ser que tenham vindo de lá com o décimo segundo e aqui entram na universidade, como costuma acontecer com estudantes que vêm só para isso e depois têm que retornar ao país de origem. Mas estudando desde o primário e vivendo aqui?... é muito difícil. A maioria não consegue, abandona a escola ou fica só no básico (fundamental). A partir de quinta em diante, são pouquíssimos. Então o nono ano, ai é que são raros! Muitos ficam pelo caminho. O meu caso é que vim de lá já com garantia de que ia fazer o curso aqui. Não vim para batalhar sozinha e entrar no curso porque ia ser praticamente impossível. São muitas barreiras, tu nem imaginas. Mesmo eu formada aqui, tu viste as dificuldades que tive para trabalhar...

Para além de ser a única pessoa com que os miúdos africanos se identificam, eu era a única... única...única...(esse é um dos grandes problemas) em todos os aspectos que se preocupava com elas, nas escolas por onde passei. Daí que os miúdos começaram a se aproximar a mim. Iam à minha sala... até que um dia uma professora me disse - estávamos a preparar uma festa - **Margarida, o que é que eu faço? Os meus alunos só querem dançar dança africana e eu não sei a dança deles.** Comecei a ensaiar a todos. Dança africana para cá, dança africana para lá, teatro, quem sabe dançar, fazer o casting... aí tinha que ser todo o mundo porque todas as crianças queriam dançar. E a partir daí comecei a ver que é uma forma com que... se pode cativar as crianças, (enfática) mesmo ao nível da aprendizagem. Nós falávamos da dança... – quando iam para a dança era assim toda sexta feira na segunda hora, das onze ao meio dia. Nós começávamos, eu levava vídeo sobre a dança, os miúdos falavam, há uns que falavam em crioulo, outros em português, não quero saber, o que interessa é saber...é falar daquilo que eles gostam. Comecei também a tirar um tempinho da minha hora da sala, para ensaiar os meninos

---

das outras salas. Havia muitos alunos que faltavam a escola, não iam mesmo. Quando comecei a fazer as danças, o teatro, os outros miúdos, os colegas chegavam à escola e diziam assim, mesmo miúdos de...de outros professores: **“professora não se esqueça que hoje é dia de dança com a professora Margarida.** Então era assim... crianças que nunca apareceram na escola começaram a aparecer e trabalhavam lindamente, lindamente, lindamente (entusiasmada).

Pronto, fiquei quase três anos com turmas, fazendo atividades, movimentando a escola. Quando chegou no Dia de África, vamos montar aqui o dia de África, o que é que vocês acham. Disse ao diretor e o conselho escolar, vamos montar o dia de África. Todo o mundo concordou que era para fazer, uma vez que os meninos eram na maioria crianças africanas. Mas não excluindo os outros. A festa é para todos. O dia é dia de África. Então vamos comemorar o dia com danças, com a moda africana, na cantina foi “cachupa”, toda a escola se envolveu com o projeto. Tivemos uma festa linda com músicas tradicionais portuguesas, africanas, todo o mundo ficou contente, uma adesão maciça dos pais, felizes de verem os filhos aí no palco desenvolvendo atividades. Daí o diretor começou a me ver assim... esta... é muito...como se dissesse: esta, não podemos deixar escapar daqui pois ela é importante para tudo. Não é só para ensinar. Ela ensina, mas a base da cultura dos meninos.

### **PROJETO “PORTUGUES COMO SEGUNDA LÍNGUA”**

Quando surgiu o projeto financiado pelo governo **“Português Como Segunda Língua”** surgiram as candidaturas, os professores me pediram para me candidatar. Aí fui escolhida para coordenar o projeto na escola. Fiquei sem a minha turma e peguei todos os meninos que tivessem o português como segunda língua, não era só africanos. Vinha meninos do Brasil, da China... até mesmo ciganos me deram. Pensei, aí é que vai começar o meu trabalho, mas comecei a trabalhar por grupos, tanto ao nível de aprendizagem, mas também atividades desenvolvidas no projeto. Aquilo que as crianças gostavam de fazer. Os alunos, quando chegavam na escola, antes de serem integrados na turma tinham que passar uns X meses pela professora Margarida para saber o que o menino já domina, depois é que ele pode ir para turma, mas não deixando o meu trabalho. Acho que a aprendizagem era... eu acho que era... multicultural porque eu não trabalhava só com um livro de Portugal. Trabalhava com livros de outros países com a Guine, Cabo Verde, Angola ... Moçambique...de todos os países que falavam português, dos PALOP.

E eu comecei a notar que quando apareciam figuras africanas, os meninos pintavam bonitinho. Eu trazia para a escola figuras africanas, fazia fotocópia, recortava... e colava... eu fazia .... esse tipo de trabalho, fazia o trabalho a nível de aprendizagem, mas

---

integrando na cultura deles, com a figura familiar a eles. O livro que eles têm é diferente que não tem nada a ver... eu via que os miúdos... ficavam felizes... quando chegou o final de ano eu assustei-me porque eram elogios, elogios, elogios... mesmo a professora Idalina que tinha lá meninos... eram meninos de todas as...colegas eram assim, brigavam para ver quem é colocava meninos na turma da professora Margarida. Porque às tantas eu podia só apoiar vinte meninos de todas as salas, depois alarguei para vinte e cinco meninos. Mas era assim, grupos de cinco, grupo de seis, de oito...mas trabalhavam lindamente, da forma como eu trabalho. Voltavam para a sala todos contentes. Muitos nem queriam voltar para a sala. O que percebi é que os meninos começaram a ficar mais animados a querer mostrar o que fizeram...”**ó professora, olha o que eu fiz...**

**Eugenia:** Quem elaborou o projeto “Português como Segunda Língua”? Foi a própria escola, ou...?

Professora Margarida: foi a escola em si. A nossa escola. O projeto é do Ministério. Mas nós temos que nos candidatar consoante os objetivos de cada escola. O ministério apresenta o projeto e cada escola apresentava o seu consoante os problemas que tem... na própria escola. A nível de língua portuguesa, eu estimulava aprendizagem em duas línguas. Porque havia crianças que não percebiam o português. As crianças vindas da África, algumas não percebiam o português. Então, o ensino era bilíngüe. Eu trabalhava em crioulo e em português. Perguntava à criança se ela tinha percebido e se não tivesse, eu explicava em crioulo. Isto porque algumas crianças têm alguma noção básica, mas pelo facto de não perceberem o português, não conseguem avançar. Então, para a criança não ficar atrasada na turma, eu avançava em crioulo e depois em português e assim ela ia pegando o ritmo e a dominar o português. Durante o ano letivo todo ele era trabalhado em português e em crioulo. Eu deixava...falar crioulo. Eu falava português, mas se percebesse dificuldade da criança em se expressar em português eu o deixava falar em crioulo, mas estimulando a prender o português. Mas se a professora da turma achar que a criança deve ficar mais na turma de português como segunda língua, era feita a proposta no Conselho Escolar.

Hoje não temos mais nada parecido e continuamos recebendo crianças que não falam português. A criança chega e é logo integrada nas turmas, falando português ou não. Havia também o projeto de Educação Multicultural, mas acabou. A professora Anabela é que participou não foi toda a escola. Não houve muitos projetos que dessem preparo para trabalhar as questões raciais e culturais. A situação hoje é preocupante.

Depois de três anos, mudou-se a direção, a nova diretora quis dar continuidade ao projeto, mas o Ministério da Educação não quis. Cortaram o projeto. Quer dizer, o projeto funcionava em vários níveis na integração dos alunos de fora que não falassem o português de Portugal como primeira língua. Acho que não deviam cortar esse tipo de

---

projeto.(enfática) Quero dizer que ele era fundamental para essas crianças. Porque se nós trabalhamos para uma educação multicultural e se há professoras que conhecem a cultura, sabem trabalhar esse aspecto e conseguem orientar outras colegas, era uma coisa muito importante para ser cortada dessa forma.

**Eugénia:** os outros professores quando recebiam de volta esses alunos, pelo menos davam continuidade a esse trabalho, algum trabalho que desse continuidade ao trabalho que você desenvolvia?Você trabalhava a partir da cultura deles, fazia com que se sentissem valorizados, não muito estranhos no ambiente, e os colegas, como vocês faziam?

Profa. Margarida: A partir daí as professoras começaram a perceber que esse trabalho é muito importante, por exemplo a professora Anabela que é uma professora espetacular, ela percebeu a importância de valorizar a cultura dos meninos, trabalha muito bem nesse nível, só que... há essas dificuldades. Há coisas que não elas não sabem como trabalhar. Mas, como estava lá a professora Margarida (irônica) – a única professora negra e africana, então recorriam a mim. Os meninos começaram a ficar muito bem integrados nas salas. Não ficavam, assim... mais isolados. A partir daí vejo que alguns professores começaram a dar mais atenção a essa questão, a buscar resolver as dificuldades,mesmo tendo que ficar recorrendo a mim para ajudar. No fim do ano, o insucesso escolar caiu quase 50% naquela escola. Por causa daquele projeto, por três anos seguidos o insucesso escolar caiu naquela escola.

**Eugénia:** e o que aconteceu após o fim do projeto? Os professores desta escola, quando falamos com eles sobre a questão da diversidade cultural, me mandaram falar contigo. Segundo elas você é que domina esse aspecto, tudo é com você. Falam de você como alguém que consegue dar a volta a situação e buscar a integração. É como se achassem que você é a salvadora da pátria neste caso. Como você vê isto?

**Profa. Margarida:** Há dois anos foi cortado o projeto. E vejo com muita preocupação. Se com a existência do projeto, mal ou bem enfrentávamos muitas dificuldades, sem ele...como eu disse, para as professoras portuguesas que atuam nessas escolas, pelo menos em cada uma devia haver uma Prof<sup>a</sup> Margarida (risos). Agora, o que fazemos são algumas coisas da organização de algumas festas, só nesses momentos é que a escola faz algo em nível cultural. Eu continuo porque faz parte de minha filosofia de trabalho.Por isso, faço alguns trabalhos porque a maioria de estudantes são africanos na escola toda. Eu ainda venho tentando dar a volta a situação. Os alunos me conhecem, me admiram... acho que os miúdos sentiram uma certa receptividade em mim que nunca mais me largaram.

---

## NOVAS BARREIRAS/ NOVOS SONHOS

Outra situação que eu vejo como importante para pensarmos: Mesmo os que chegam já sabem quem é a professora Margarida, que já passaram irmãos deles nas minhas mãos, os pais conhecem... admiram meu trabalho, sejam africanos ou não. Muitos me admiram. Mas há outros que têm resistência de uma professora negra ser a professora de seus filhos. Ainda rejeitam a minha pessoa, rejeitam. É preciso ter uma personalidade bem forte para a manter a minha postura como profissional. mas há outros que...Mas já quebrou um pouco isso porque estou naquela escola há dez anos. Há meninos que já passaram por mim, há irmãos que já foram meus alunos.

**Eugenia:** desde a época que você entrou nessa escola você percebeu que melhorou a discriminação ou ela se manteve no mesmo nível?

**Professora Margarida:** Não,... melhorou...é assim, **alguns pais não aceitam ainda, continuam a não aceitar. Agora é minoria. Já foi pior. Quando cheguei, no primeiro ano, tive problemas com os pais dos meninos.** Alguns pais não, mas há outros que sim, tive grandes problemas mesmo...O diretor me chamava e dizia: Margarida, é assim, é isso... e eu dizia: a minha postura aqui é de ensinar a todos os alunos respeitando suas diferenças culturais e sociais. São todos meus alunos que eu tenho aqui para ensinar. Os pais é que não acreditam que uma professora negra possa dar conta de um trabalho como o que fazemos.

## RACISMO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL

**Eugenia:** Há racismo na tua escola?

Professora Margarida: existe, mas é muito camuflado. É uma coisa muito sutil. Vou lidando com as situações. Da minha parte já sofri na pele, com os pais, há pais que não querem que filhos fiquem na minha turma. É assim, os pais não podem escolher professores. E então, quando não aceitam a situação eles mudam a criança de escola. Nessa escola muitos pais já tiraram seus filhos para outras escolas. Alguns alegam que é porque a escola para onde os filhos vão fica mais perto de casa. Mas, em muitos casos é porque a escola recebe muitas crianças do “bairro” que são na sua maioria africanas e vivem em condições muito precárias, há muita violência...Mas a lei não permite que os pais interfiram na escolha dos professores para seus filhos, justamente para evitar esse tipo de coisa. Nós temos uma preocupação em dividir as crianças um pouco por cada turma para evitar que algumas etnias fiquem concentradas em turmas específicas. Aí fica

---

um pouco de africanos para cada turma, um pouco de alunos do leste e assim vai. Os africanos são divididos, os branquinhos são divididos. Procuramos organizar turmas mais heterogêneas para evitar que fiquem turmas só com crianças negras por exemplo. Só que a escola está localizada numa área perto de um bairro que tem muitos africanos e por outro lado, a medida que o tempo passa os outros pais- os brancos vão retirando suas crianças porque a nossa foi rotulada de escola de pretos. A cada ano vem ficando quase toda de crianças negras. Os pais vêm retirando as crianças usando vários argumentos. As vezes quando certos pais vêm que as turmas estão com muitos meninos africanos, não aceitam e levam suas crianças para outras escolas. Recentemente, a mãe tirou sua filha da escola. Ela alegou... que ia levar para um colégio. Na verdade, não tem justificção. Eles não conseguem dar uma justificção. No meu caso, eu fui substituir um colega que trabalhava nessa turma. Até aí tudo estava bem. Quando eu o substituí, a mãe não quis mais que a filha ficasse. Quando eu cheguei, cerca de um mês, ela levou a criança. A criança não podia ser mudada de turma como ela queria, então ela a levou.

**Eugenia:** Será que a discriminação se dá somente pelo facto de serem crianças do bairro? Será que, se houvesse crianças brancas, mas do bairro, os pais tirariam os filhos da escola?

**Professora Margarida:** de certeza que o problema é muito maior. Vê-se mesmo que existe racismo. Eu sempre digo que o racismo é muito forte. Usa-se muitas desculpas, mas o racismo existe ainda e muito. Já vi muita coisa na minha escola, já interfeiri várias vezes, e hoje, por eu estar na escola, pertencer a associação dos moradores do bairro, por ter toda essa luta, dou apoio associações e que se percebo situações de racismo posso... na minha frente tratam as crianças bem. Mas coisas as vezes ficam difíceis. Hoje percebo que estão a tomar cuidado com essas situações e que tratam as crianças por igual. Mas e quando eu não estou por perto? Nunca se sabe...

Da parte dos professores mais antigos não se percebe hoje as situações de racismo. Mas as professoras mais novinhas ainda... não conhecem os meninos e começam a pensar que os meninos **não sabem nada**, por serem negros, que **não aprendem** e os encostam. Acontece de só terem duas crianças brancas e só darem atenção a elas. Não sabem lidar com as dificuldades das crianças e acham que as crianças não aprendem porque são africanas, por virem de famílias muito pobres e desestruturadas. De maneira geral, as professoras mais novas já chegam na escola com preconceito contra essas crianças.

---

## PREOCUPAÇÕES E PERSPECTIVAS

**Eugenia:** você me disse que ainda hoje tem uma grande preocupação com as nossas crianças nas escolas portuguesas. A que você se referia mais especificamente?

**Professora Margarida:** não vejo muitas saídas para nossos meninos se não se pensar melhor nessas comunidades e na especificidade da educação para essa população. Isso vai levar anos, mas tem que começar. Porque... para além de não haver muitos professores negros nas escolas, só há mais duas ou três professoras negras na Amadora, **há situações em que professores não compreendem as suas necessidades que respeitem a sua cultura, que as incentive a ir para a frente, sem aquela idéia de que deve deixar a sua cultura por esta ser menor e assimilar a cultura portuguesa.** “Agora vocês são portugueses e devem se comportar como tais”. **Só que as crianças não são portuguesas,** podem ter nascido em Portugal, mas os pais são africanos, muitos não falam o português corretamente, a cultura é completamente diferente da portuguesa...

Eu me preocupo muito com as nossas crianças aqui em Portugal. Acho que muitas vezes **elas são massacradas,** elas ficam **mudas** porque não sabem falar português e o crioulo é proibido na sala. Muitos professores portugueses reclamam da falta de conhecimento da língua crioula até para poder ajudá-las, mas são poucas que têm essa preocupação. Como nossas crianças são muito hiper-ativas, há muitos professores que as encostam e não se preocupam com elas. Dizem que são mal-educadas, que as famílias as abandonam e não as educam. Os pais caboverdianos são muito criticados por abandonarem os filhos a própria sorte. Daí a minha preocupação. Se não se fizer alguma coisa, estas crianças vão ficando sempre para trás. Vão repetindo até abandonarem com o rotulo de burros, que não aprendem, ou de delinquentes, em situação de risco, etc.

## O APOIO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

**Eugenia:** E a Associação dos Imigrantes... os Movimentos Sociais ?

**Professora Margarida:** até o ano passado havia os mediadores culturais que são jovens do bairro que serviam de elo de ligação entre a escola e a comunidade. Não diria que sejam meninos de recados, mas faziam muitas atividades na escola (jogos, canções, teatro, animação) só que este ano não teve mediadores. Eu acho que **as associações deviam se aproximar mais da escola.** Eu que conheço muitas associações e muitas pessoas das associações, não conheço nenhuma associação que tinha ido à minha escola para saber da situação dos meninos. É verdade que desde que estou naquela escola nenhuma associação foi lá, não tem nenhuma comunicação escola-comunidade, nada. Quando aparece alguma situação, a professora Margarida que vai lá fala com os pais....

---

mas isso, sou eu! Eu me preocupo com os meus alunos. E os outros? Acho que falta uma coisa que é principal que é a ligação com a escola. Os professores têm medo de ir ao bairro, a associação não vai a escola, não conhece a realidade, o que acontece lá com as suas crianças. Há um medo de ir ao bairro, os professores não se aproximam do bairro, medo de assalto de drogas de violência. Vejo que a escola está aberta para isso, mas as associações não se aproximam. Nunca. Não há projetos para serem sugeridos às escolas, nada.

### **QUANTO AOS MANUAIS ESCOLARES E A QUESTÃO DA DIVERSIDADE**

**Eugenia:** estive olhando os livros que são usados na sala, mas não vi nenhuma referência a realidade dos alunos. É tudo em relação a uma realidade que as crianças não conhecem e que não tem nada a ver com elas. E, por mais que a escola firme que tem uma preocupação com a valorização da cultura dos alunos, não é o que aparece nos livros. O que você me diz disso tudo? Os livros usados na sala de aula não fazem muita referência a realidade dos alunos, embora o professor diga que se preocupa com os alunos, mas os livros não refletem essa realidade.

**Professora Margarida:** Posso explicar como os livros são adotados na escola. Nós escolhemos os livros consoante as dificuldades dos meninos. Cada escola adota os livros consoante os problemas dos alunos da escola. E aí recorremos a todas as editoras. A alternativa que nos resta é que temos que escolher um livro para ser adotado. Mesmo que entre as opções que nos são fornecidas não vão ao encontro das nossas preocupações, temos que escolher livros para os meninos. Acho que **as editoras não parecem muito preocupadas em editar livros para essas comunidades.** Não tenho visto nos livros que nos são oferecidos para escolha uma **preocupação com a multiculturalidade.** De toda a maneira, nós procuramos escolher os livros que mais se aproximam das nossas preocupações com aprendizagem das crianças..as editoras, na minha opinião, fazem os livros de acordo com os interesses deles que nem sempre são os nossos interesses. Eles agem como se não conhecessem essa realidade. Parece que **desconhecem a realidade da imigração africana para Portugal,** o grande contingente de crianças negras africanas e descendentes de africanas nas escolas. Nenhum livro que encontramos até agora reflete a nossa realidade, multicultural que demonstre a existência de outras culturas no país, outras raças, enfim...todos os professores dão parecer sobre os livros mas não vimos nada.

**Eugenia:** Em termos de literatura infanto-juvenil, ainda se vê uma certa tendência bastante sutil ainda de valorização e de reconhecimento das diferenças, ainda que os “diferentes”, ou seja apareçam como personagens com ações pequenas na história

---

e outros ainda sejam colocados como coadjuvantes. Um exemplo que ilustra bem essa tendência são os livros de autores como Izabel Balça e outros, em Portugal... mas no livro didático...nenhum livro?

**Professora Margarida:** As editoras, na minha opinião, não ouvem os professores quanto as suas necessidades. Ouvir os professores por causa dos manuais escolares, não! As editoras quando vão as escolas só vão para divulgar os livros e mais nada. Os livros já estão prontos (**rindo**) e nem se vão preocupar (**muita risada...**), porque você acha que iriam se preocupar? Não vão **nunca** se preocupar como isso. [**A professora acha graça da minha preocupação com os livros didáticos porque na opinião dela, se há coisas realmente importantes que deviam ser consideradas e não são, imagina a preocupação com a adequação ao livro didático a realidade das crianças africanas**] a sensação a partir das risadas da professora é: **quem somos nós aqui em Portugal para que as editoras se preocupem em nos incluir nos livros para as escolas adotarem?]**

Nem eu mesma na minha aula eu tenho livros que retratem a realidade dos miúdos!!! Quer dizer.... faço fichas, recorto, com carinhas dos meninos africanos, e uma vez uma colega me viu com essa ficha cheia de carinhas de alunos negros, perguntou-me: “Margarida, como é que conseguiste isto?” eu respondi: tenho livros de países africanos fiz uma montagem . E ela: “montagem para quê? Respondi: Tenho miúdos africanos e não tenho nada pronto. Então, eu mesma faço. Quero que meus meninos se vejam nos livros já que só tem carinhas brancas.

Os colegas, mesmo aqueles que se preocupam com a falta de acompanhamento dos alunos africanos não fazem isso. A professora Anabela trabalha com música para motivar os meninos. Eu uso, histórias, danças, dramatizações, uso figuras africanas com trajes típicos retirados de livros, mostro as comidas típicas de vários países, peço para trazerem alguma coisa de casa que represente a cultura de seus pais, chamo os velhos das comunidades para contar histórias para os alunos, chamo os pais para fazer alguma coisa, falar de seus países de origem procuro fazer alguma coisa. Coordeno um grupo de dança que é formado por crianças do ensino fundamental.

Quando tenho que trabalhar a **geografia**, (ilhas e arquipélagos, por exemplo) eu levo um mapa de Cabo Verde também e mostro para eles. Isto é um arquipélago também. Para mostrar que arquipélago não é só o arquipélago da Madeira ou os Açores. Mesmo para os **alunos de Cabo Verde** é importante que aprendam a conhecer sua terra ou a terra de seus pais. Para os alunos de outros países é uma forma de ampliar seus conhecimentos. Pode não constar no livro que eles têm, mas levo um mapa e mostro. Levo mapa de Angola, de outros países africanos. Uma vez, na comemoração do dia de África que era

---

para falar um pouco sobre Cabo Verde os alunos não sabiam onde fica Cabo Verde, as ilhas que constituem o país – a maioria é de Cabo Verde. Quando viram, as expressões dos alunos mudaram imediatamente e começaram em crioulo: Meu pai é dessa ilha, minha mãe é da outra ilha... todos fizeram questão de participar da atividade, falaram sobre seus pais, do que conheciam da terra deles, cantaram músicas em crioulo, dançaram danças caboverdianas para os colegas a prenderem, os colegas também dançaram danças típicas de sua terra, enfim foram atividades muito ricas para todos. Isso dá suporte para que se orgulhem da terra deles e sintam mais fortalecidos. Mostro o que tem a ver com eles.

Agora, custa-me dizer e acho que nem é tanto culpa dos colegas, mas isso não acontece nas outras salas e nem nas outras escolas. Pelo menos as que eu conheço que não são poucas. Isso me preocupa muito, muito mesmo porque os professores portugueses podem até ter boa vontade, mas não se preocupam com esse aspecto e se se preocupam não sabem o que fazer, como se instrumentalizar para essa tarefa. Por isso, preferem manter o comum. Não podemos passar por cima dos problemas dos alunos. Resumindo (risos): é **uma escola portuguesa para crianças africanas**. Eu, como professora, não posso passar por cima da realidade deles, embora siga o programa direitinho, não trabalho menos e nem fujo daquilo que é obrigatório a ser trabalhado, procuro ir mais além, Procuro adequar o programa à realidade dos meus alunos, além de ajudá-los a conhecer outras coisas de outras culturas. Procuro não limitá-los. E não é só na minha escola! A minha preocupação é com todos os alunos africanos das escolas de Portugal de modo geral. Eu me preocupo muito mesmo. Estou muito preocupada com nossos meninos.